

HUM@NÆ

Questões controversas do mundo contemporâneo.

Edição Especial SETA 2015

HISTÓRIA E CULTURA DOS ENGENHOS DENTRO DA CIDADE DO RECIFE NAS PROXIMIDADES DO RIO CAPIBARIBE

ANA CAROLINA GUEDES RODRIGUES¹

AGNI GARCIA²

BETANIA MACIEL³

Resumo

Os engenhos, em regra geral, eram basicamente constituídos de plantações de cana, equipamento para processá-la e construções, estas para abrigar os senhores de engenhos, escravos e alguns funcionários, além de espaços para armazenamento e fabricação de açúcar. Vários fatores inicialmente influenciaram a localização dos primeiros engenhos no Brasil, dentre eles destaca-se a necessidade de água perene para facilitar o transporte e geração de fonte de energia para a movimentação da moenda, levando a muitos senhores de engenho a instalarem seus empreendimentos junto às margens dos rios. Relacionar as características dos bairros Apipucos e Poço da Panela estudados num viés histórico-temporal é a proposta deste ensaio. A escala bairro há muito se faz presente na paisagem urbana recifense. Desde os primeiros engenhos no vale do Capibaribe, passando pelas freguesias e povoados, arrabaldes, hoje Regiões Político-Administrativas e bairros componentes. Esses contornos ainda parecem ser os mesmos. Engenhos que viraram bairros. Bairros que são verdadeiros 'genius loci' do Recife. Apipucos e Casa Forte 'engenhos'; Poço da Panela 'freguesia'; Apipucos, Casa Forte e Poço da Panela 'arrabaldes'; todos 'bairros' hoje. É nesta escala onde há maior convergência

1 Alunado Curso de Arquitetura e urbanismo da Faculdade de Ciências Humanas Esuda. Pesquisadora do Programa de Iniciação Científica do Grupo de Interlocação Acadêmica -ESUDA. <anacarol.r.guedes@gmail.com>.

2 Aluna do Curso de Arquitetura e urbanismo da Faculdade de Ciências Humanas Esuda. Pesquisadora do Programa de Iniciação Científica do Grupo ESUDADE Interlocação Acadêmica . <agni_caique@hotmail.com>

3 Professora Doutora, Pesquisadora da Faculdade de Ciências Humanas Esuda, Grupo ESUDADE Interlocação Acadêmica. <betaniamaciel@gmail.com>.

entre o espaço geométrico e o espaço social, onde é mais forte o sentido de lugar urbano.

Palabras chave: *Engenhos, história e Cultura*

1. INTRODUÇÃO:

Os engenhos, em regra geral, eram basicamente constituídos de plantações de cana, equipamento para processá-la e construções, estas para abrigar os senhores de engenhos, escravos e alguns funcionários, além de espaços para armazenamento e fabricação de açúcar. Vários fatores inicialmente influenciaram a localização dos primeiros engenhos no Brasil, dentre eles destaca-se a necessidade de água perene para facilitar o transporte e geração de fonte de energia para a movimentação da moenda, levando a muitos senhores de engenho a instalarem seus empreendimentos junto às margens dos rios.

Na cidade do Recife, por exemplo, são encontrados vários posicionamentos destes engenhos às margens do Rio Capibaribe. Alguns deram nomes a bairros do Recife de hoje, como por exemplo: Engenho Madalena, Engenho Torre, Engenho Casa Forte, Engenho Apipucos e etc. Dentro deste contexto, observa-se a importância histórica que estes edifícios transferem para cidade do Recife, não só em relação a cultura imaterial, mas também a riqueza da arquitetura das edificações.

A atividade da agroindústria açucareira em Pernambuco marcou a origem histórica e o desenvolvimento econômico e social, trazendo heranças de costumes e tradições que estão intensamente enraizados na cultura local. Mas com o passar dos anos, com a modernização da produção do açúcar e pela falta de medidas para conservação deste patrimônio, que deveria ter um valor para a sociedade, muitos destes engenhos deixaram de existir ou estão em estado de ruínas com algumas exceções, e em alguns casos, os que ficaram parte de suas terras foram desmembradas para novas construções e crescimento dos bairros, ficando apenas casa grande do engenho.

Diante disto, surgem algumas interrogações: Qual o panorama e a função dos engenhos na sociedade atual? Qual o nível de conhecimento e importância que as comunidades trazem destes bens, já que os engenhos foram mais do que unidades

produtoras, definiram a cultura e a paisagem de Pernambuco? Quais as medidas adotadas para preservação patrimonial dessas edificações? Para se chegar à resposta destas questões, foi necessário se fazer uma pesquisa, delimitando-se uma pequena área do estado de Pernambuco, delimitada pela proximidade do Rio Capibaribe na cidade do Recife.

O estudo abordado neste artigo justifica-se no reconhecimento do valor destes engenhos para a sociedade na contemporaneidade, mesmo que eles não realizem as mesmas funções que possuíam no passado. Uma vez que se destacam por sua forte relação com a economia, com as atividades agrícolas, com a forma em que foram implantados e por suas edificações de arquitetura particular. Pretende-se ainda fornecer uma contribuição teórica para aprofundamento de futuras pesquisas, como também desencadear novos questionamentos que envolvam a cultura e preservação do patrimônio agroindustrial da nação.

O objetivo geral é realizar um levantamento e mapeamento sobre estes bens na cidade do Recife, identificar os engenhos e avaliar qual a importância do uso e preservação desse patrimônio material e imaterial como forma de desenvolvimento local. Para a conquista deste objetivo propõe-se realizar um levantamento bibliográfico sobre os engenhos; mapear geograficamente; definir o quantitativo estudado e a partir disso elaborar um quadro, analisar e quantificar o uso desse patrimônio e como ele promover o desenvolvimento local.

Nas palavras mais poéticas de Josué de Castro (1957,p.53):

O Recife viveu, desde suas origens, sempre atraído por duas seduções opostas: a do vasto mar salpicado de caravelas e a do ondulado mar dos canaviais espalhados nas grandes várzeas. De um lado, pelo azul das águas e de outro pelo verde das canas.

O vale do Capibaribe vai logo despontar como um dos eixos de ocupação dessa extensa planície.

Os engenhos eram centros de grande atividade, de cultura, de população numerosa, verdadeiras zonas de riqueza e de prosperidade, assentados às margens do Capibaribe, desse rio que se impôs como acidente geográfico e fator econômico e histórico de primeira ordem, na comunicação desses valores locais, com um centro comum que era o porto(COSTA FILHO, 1944, p. 32).

Para obtenção destes objetivos foi necessário uma pesquisa bibliográfica em diversos livros, revistas, sites de internet, trabalhos de graduação e artigos, para aprofundamento dos conhecimentos sobre restauro e intervenções em monumentos históricos, além de alguns conceitos sobre patrimônio, cultura, espaços culturais, museus, engenhos e etc. A partir destes princípios foi feita uma síntese que contribuiu para o embasamento teórico da pesquisa.

2. RECIFE E SEUS ENGENHOS.

2.1.História e característica dos engenhos de açúcar

No final do século XVI com a intenção de sair da crise financeira em que se encontravam, além de evitar que outros países invadissem o Brasil, Portugal parte com a ideia de implementar a cana de açúcar em diversos lugares do território brasileiro, afim de comercializá-lo no mercado internacional e beneficiar-se dos lucros de sua comercialização⁴. Para que o Brasil pudesse ser melhor administrado foi implantado um sistema de Capitanias hereditárias, que eram lotes de terras entregues a um grupo de pessoas que tinham ligações com a coroa Portuguesa. Assim, Duarte Coelho recebe a Capitania de Pernambuco com o poder de administrá-la e, segundo Fausto, 1996, esta, se torna junto com a capitania da Bahia, um dos maiores centros açucareiros⁵.

As propriedades rurais para o cultivo da cana foram denominadas de engenhos, que eram compostas por: Moita ou fabrica, onde moíam e cozinhavam o caldo da cana; a casa de purgar, onde processava o branqueamento do açúcar e que podia se localizar dentro da fábrica ou em outro compartimento; Casa grande e senzala, habitações dos proprietários e escravos; Capelas para culto religioso católico; e

4A importância da inserção da cana de açúcar no Brasil se deu porque o açúcar produzido através da cana, era considerado um produto de luxo, uma especiaria, muito utilizado em receitas e remédios, além de condimentos exóticos na aristocracia europeia (fausto, 1996).

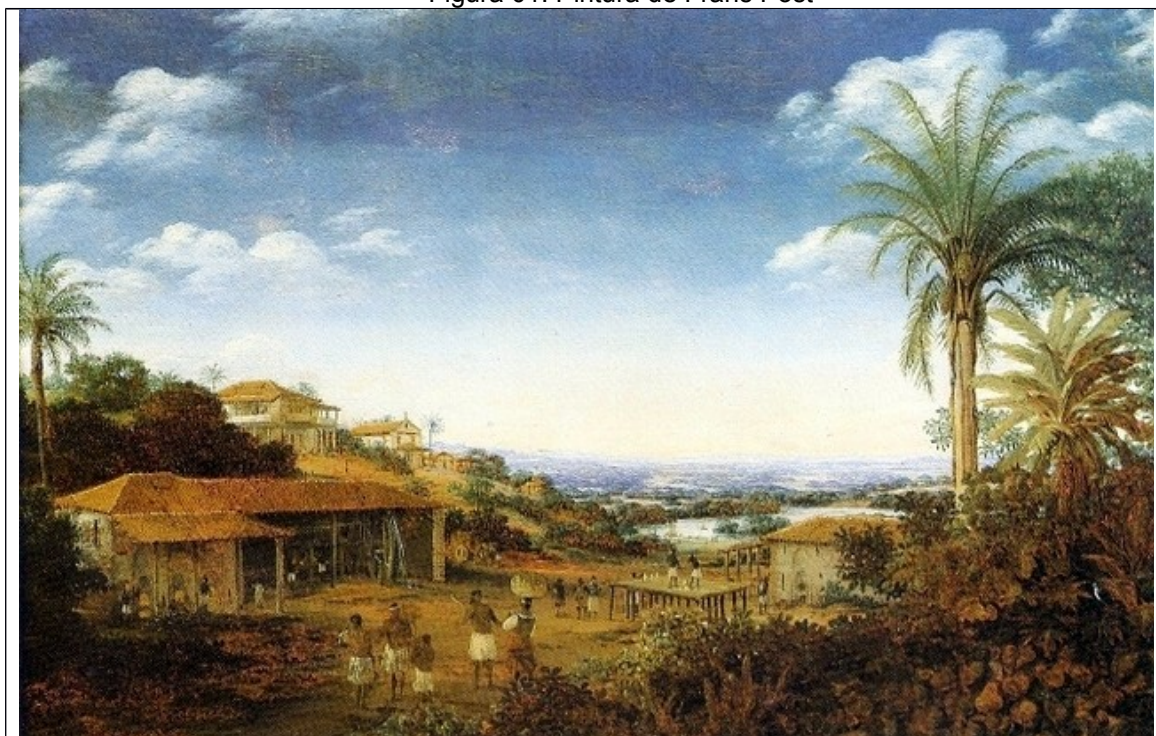
5Segundo Fausto, as capitanias de Pernambuco e São Vicente, prosperaram com a agroindústria açucareira porque vários fatores influenciaram, como o clima, o solo, estavam na região costeira, além desses fatores, estavam perto dos centros importadores europeus e tinham facilidade no transporte de mercadorias, pois Recife e Salvador se tornaram portos importantes.

alguns engenhos poderiam ter ainda, olarias para fabricação das formas dos pães de açúcar, casa do administrador e outras propriedades.(GOMES,1996)

Devido à necessidade de facilitar o transporte e uma fonte de energia para o funcionamento da moenda, o rio foi principal fator de influência da localização dos primeiros engenhos. Além disso, era necessário um solo apropriado para o plantio da cana de açúcar; ser próximo das matas para extração dos combustíveis e manter uma distância favorável dos índios a fim de evitar os ataques. Mas tarde esses fatores não tiveram tanta importância devido às novas tecnologias que surgiram no século XIX. (GOMES,1996)

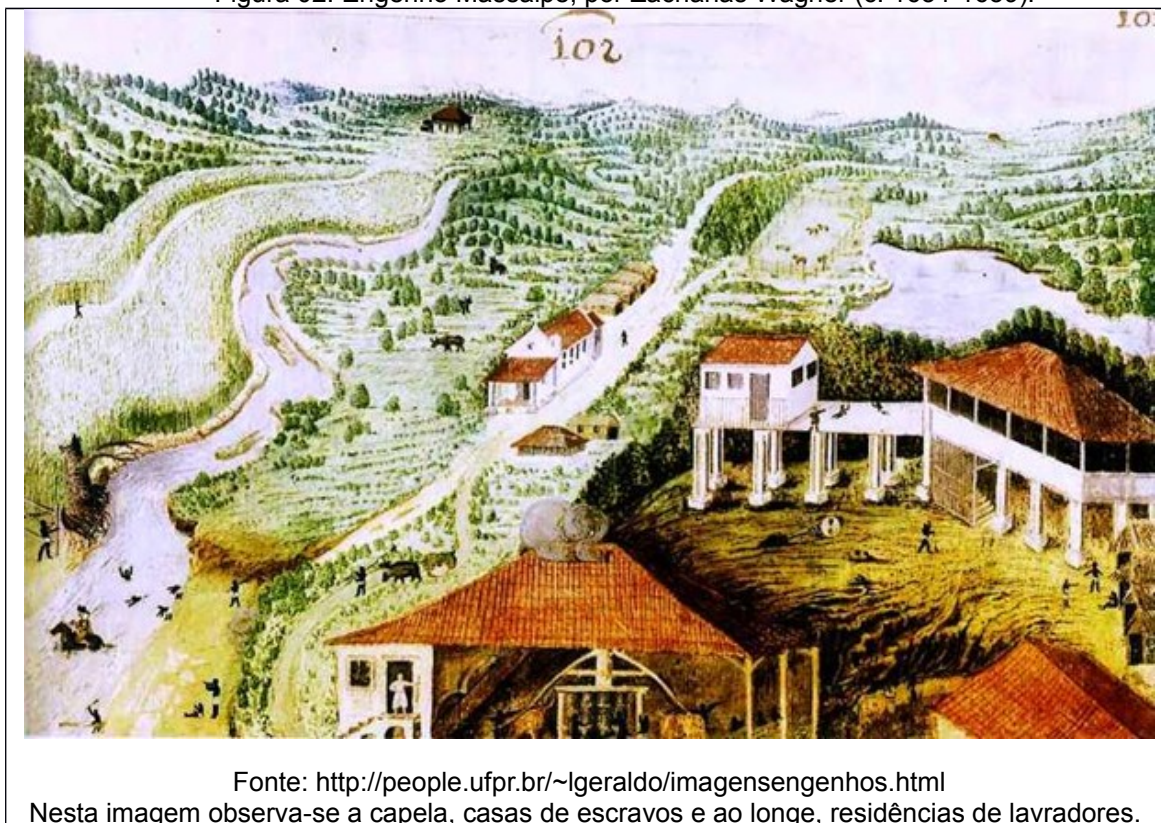
Segundo Gomes,1996, as implantações dos edifícios nos lotes de terra não seguiam um padrão, mas tinham uma lógica geral nos engenhos, por exemplo: a moita ou fábrica geralmente ficava na parte mais baixa do terreno devido a necessidade da água como força motriz, outro exemplo seria a casa dos senhores de engenho que ficavam nos níveis mais altos para uma melhor visualização das atividades da fábrica (Figura 01e 02).

Figura 01: Pintura de Frans Post



Fonte: <http://www.umolhar.net/galeriaumolhar/>
Nesta imagem observa-se, além de engenho em atividade, a fábrica na parte mais baixa, a capela e casa de engenho no nível mais elevado.

Figura 02: Engenho Massaípe, por Zacharias Wagner (c. 1634-1639).



Fonte: <http://people.ufpr.br/~lgeraldo/imagensengenhos.html>

Nesta imagem observa-se a capela, casas de escravos e ao longe, residências de lavradores.

Diegues Junior, 2006, destaca que existe três tipos de engenhos de açúcar no Brasil: engenho d'água, onde a movimentação da moeda era feita através das correntes de água, por isso a necessidade dos primeiros engenhos serem instalados perto dos rios; engenhos movidos por animais, estes geralmente utilizavam os bois bestas ou cavalos; e o engenho movido a vapor, que surgiu no século XIX.

Abordando as construções constituintes dos engenhos, é relevante destacar as principais, que são a casa grande, senzala, moita ou fábrica e capela.

A Casa Grande, segundo Diégues Junior, 2006, estavam em um ponto mais alto ou uma elevação do engenho com posição de dominância, representa um caráter residencial e com função social, onde viviam os senhores de engenho⁶ realizando reuniões, agregação e formulação de pensamentos. Além disto representava o

⁶⁰ senhor de engenho refere-se aos colonos que vieram a maioria do Norte de Portugal e se instalaram em Pernambuco para agroindústria de açúcar. Ser considerado proprietário rural, ainda mais como senhor de engenho, na época do Brasil colonial, significava muito, pois conseguia-se ou mantinha-se um de nobreza. (GOMES, 1996).

poder e a riqueza do sistema econômico do açúcar, mesmo que fossem modestas e simples.

As casas de engenho⁷ poderiam ser luxuosas utilizando-se materiais nobres e duráveis (figura 03), como também poderiam ser simples, utilizando materiais pouco duráveis, como taipa. Gomes,1996, denota que essas casas possuíam formas variadas, que dependiam das necessidades, limitações dos proprietários, local e também da disponibilidade de materiais, fazendo a sua estrutura e estética não seguir um padrão clássico da arquitetura rural. Junior, 2006, relata algumas características dessas casas:

Variavam, em sua feição arquitetônica, tipos de casa grande: umas, de um só pavimento, espalhando-se horizontalmente, outras, de dois pavimentos, algumas construídas com o tipo assobradado, aproveitando-se a parte térrea, ou o rés-do-chão, como porão. Todas, porém, servidas sempre por janelas em todos os lados, varandas circundando a casa, sustentando os beirais pilares elegantes; há outras com balaustradas de ferro ou de tijolo, com escadaria no centro da edificação. (DIÉGUES JÚNIOR, 2006, p.50)

Figura 03: Engenho São João Várzea, Autor: Francisco Bonat

⁷Alguns engenhos não tinham a plantação da cana, por isso alguns senhores de engenho residiam na cidade boa parte do tempo deixando a casa rural para os períodos temporários na fase industrial da produção do açúcar, deslocando-se para o campo apenas neste período. Isso explica o fato de algumas casas serem de pequeno porte e de materiais pouco duráveis.



Fonte: <http://cafehistoria.ning.com/photo/recife-pe-casa-grande-do?context=popular>
Conhecida como Casa de Ferro, a planta possui formato em “U”, com varandas suportadas por colunas de ferro fundido e peitoris igualmente pré-fabricados em ferro e paredes em alvenaria.

Gomes, 1996, ainda classifica as casas grandes do século XIX, em três tipos: bangalô, com porte médio e um pavimento, existido em alguns casos um porão semienterrado, telhado com quatro águas e um alpendre em forma de “U”; o chalé, também de médio porte semelhante ao bangalô, mas com coberta de duas águas e fachadas com ornamentações em estilo eclético; e por fim o sobrado neoclássico, com construção de grande porte, geralmente com dois pavimentos, planta retangular e telhado com quatro águas.

A senzala também possuía a função residencial, mas com estrutura e estética muito inferior ao da casa grande, onde viviam os escravos africanos. Geralmente eram construídas com matérias e técnicas de construção pouco duráveis, como o pau-a-pique e o adobe. Hoje é muito pouco encontrado exemplares de senzala, pois por ser construída por esses materiais, com o tempo houve sua deterioração. Diegues Junior, 2006, descreve a senzala: “Cada parte – ou residência, se assim se poderia chamar – da senzala, media três e meio metros quadrados; uma única abertura – a porta que dava para rua. As paredes geralmente eram de pau-a-pique, e o piso da terra nua. ”

Quando houve a abolição da escravatura, várias dessas senzalas foram transformadas e muitas destruídas, algumas poderiam servir de depósito, armazém ou cocheira, e outras foram aproveitadas com algumas modificações para continuarem sendo residências para os trabalhadores livres. (DIEGUES JUNIOR, 2006).

A moita ou a fábrica

A capela era edificada com materiais construtivo nobres como alvearia de tijolo ou pedra e geralmente era localizada perto da casa dos senhores de engenho, segundo Diegues Junior, 2006, ela servia para reuniões espirituais e muitas vezes possuía a função de cemitério para sepultamento da família dos senhores de engenhos. Para Gomes, 1996, a presença da capela, não era apenas para uma demonstração de fé, mas para uma melhor relação com os escravos, pois havia uma ideia de que a religião católica era mais adequada aos negros e favorecia o relacionamento com os escravos.

Na trajetória ascendente de sua função social, o estágio seguinte à da capela era sua conversão em uma capela curada, ou paróquia, ou ainda freguesia (sua denominação mais frequente no país). Esse momento é importante, pois é no âmbito das feguesias que os processos administrativos e de controle da Igreja e do Estado pela primeira vez se articulam em uma base comum. A formação das freguesias – divisões administrativas da Igreja, e base de cobrança do dízimo – implicava na definição de seus contornos. Mas essa circunscrição eclesiástica, ao preencher também funções de ordem civil (como os registros de nascimento, de matrimônio e de óbito), converteu o ato de criação de uma freguesia simultaneamente no ato de sua vinculação formal ao sistema administrativo da Colônia. A criação de uma freguesia significava o estabelecimento de sua conexão com a ciscunscrição administrativa de uma vila já existente. (MORI, KLARA KAISER, 1996, p. 26-27).

3. Conclusão

De acordo com a pesquisa e as informações obtidas na Revista de Urbanismo do Departamento de Urbanismo - Facultad de Arquitectura y Urbanismo - Universidad de Chile (1999). Passada a época áurea, sentimentos de saudosismo e ares bucólicos dominam a cena atual quando se relaciona esses bairros. Mas por outro lado continuam a abrigar a história e a inspirar novas gerações de artistas e heróis locais. Suas paisagens são fontes de geração e concentração para diversos ateliês espalhados pelos bairros, sedes de blocos carnavalescos, berços da intelectualidade local.

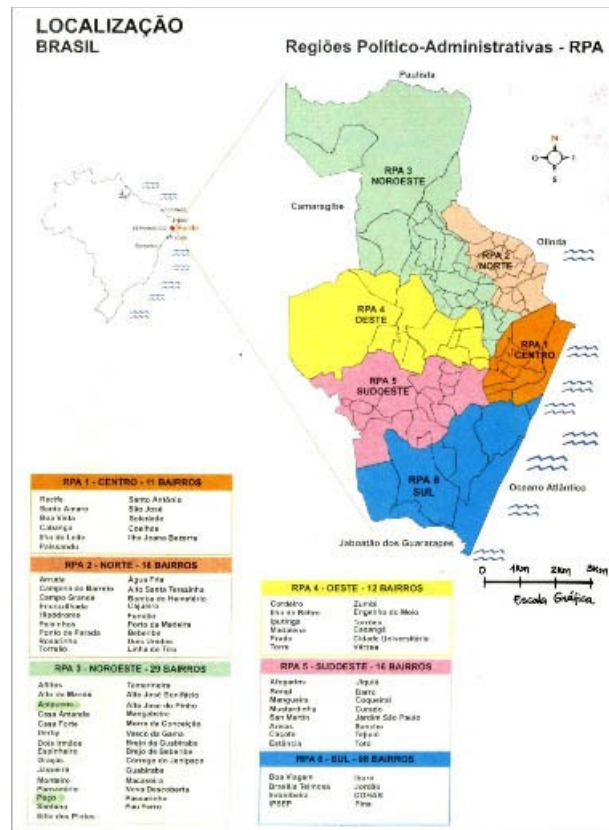
Formalmente, os limites das freguesias vão dar lugar as Zonas Administrativas do IBGE nos anos 50/60/70, aos Setores Censitários (ligados as urnas eleitorais) nos anos 80 e aos bairros e Regiões Político-Administrativas nos anos 90, abrigando 94 bairros e 6 Regiões Político-Administrativas respectivamente. As figuras 15 e 16 ilustram esses limites. Vale ressaltar que exatamente as mesmas linhas dos Setores Censitários e urnas eleitorais passam a ser os limites das RPA's e bairros componentes. Apipucos e Poço fazem parte da RPA 3 (noroeste), cujos limites delimitados das Regiões Político-Administrativas (RPA's) e bairros componentes.

Em outras palavras, a igreja perde o poder administrativo, que passa para o controle do Estado, mas sua presença ainda é muito forte, tanto na atuação de seu ofício como na própria centralidade espacial de seu templo, seu largo e casario próximo. São marcos nas paisagens desses bairros, fontes de identificação desses recortes, contribuem para que haja o apego ao lugar, os laços afetivos entre os moradores e destes com o próprio sítio que habitam.

Recife tem suas peculiaridades. Os dois bairros estudados são históricos, e como tais, a centralidade da Igreja e casarios próximos é muito forte ainda hoje. Revela recortes urbanos já delimitados há pelo menos quatro séculos, que se escondem sob várias nomenclaturas e continuam encerrados nas mesmas linhas, no mesmo lugar, com o mesmo ar bucólico de recato recifense, cativando e apegando os que são dali, escondendo-se dos de fora. Tem nas águas seu encanto. O rio Capibaribe se configura um dos vetores de crescimento e eixo de ocupação da cidade. A sua várzea sempre foi uma região próspera e recanto dos

endinheirados. Sua história se confunde com a história da cidade, tamanha foi a bravura de seus acontecimentos. Berço de movimentos culturais de repercussão nacional, assim como atividades artísticas e culturais. (LEÃO BARROS, 2000, p.56).

Figura 04: Delimitação das Regiões Político-Administrativas (RPA's) e bairros componentes.



Fonte: RECIFE, Prefeitura da Cidade do. *O Recife em números*. Recife: Secretaria de Planejamento, Urbanismo e Meio Ambiente, 1998 (folheto).

Bibliografia

BARROS, Sandra Augusta Leão. (2002) *O que são os bairros: limites político-administrativos ou lugares urbanos da cidade?* O caso de Apipucos e Poço da Panela no Recife. São Paulo, 2002. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. Recife: Imprensa Universitária UFRPE/Fapesp, 2004 (no prelo).

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar do/no mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.

CASTRO, Josué de. (1957) "Um ensaio de Geografia Urbana: a cidade do Recife". *Ensaio de Geografia Humana*. São Paulo : Brasiliense, p. 193-280, 1957.

COSTA FILHO, Olímpio. (1944) "O Recife, o Capibaribe e os antigos engenhos". *Revista do Norte*, n. 2, 1944.

GALVÃO, Sebastião de Vasconcellos. (1910) *Diccionario Chorographico, Histórico e Estatístico de Pernambuco*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1910.

LACAZE, Jean Paul. (1993) *Os métodos do urbanismo*. Campinas: Papyrus, 1993.

LAMAS, José Ressano Garcia. (1993) *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1993.

LEÃO BARROS, Sandra A. Arquiteta e Urbanista (Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Brasil, 1995), Mestre em Estruturas Ambientais Urbanas (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo – FAU.USP, Brasil, 2002). Bolsista Fapesp 1998-2000.

LEFEBVRE, Henri. (1971) "Barrio y vida de barrio". *De lo rural a lo urbano*. Barcelona: Ediciones Península, p. 195-200, 1971.

MARX, Murillo de Azevedo. (1991) *Cidade no Brasil: terra de quem?* São Paulo: Edusp, 1991.

MELO, Mario Lacerda de. (1978) *Metropolização e subdesenvolvimento: o caso do Recife*. Recife: Universitária, 1978.

MORI, Klara Kaiser. (1996) *Brasil: urbanização e fronteiras*. São Paulo: FAU.USP, 1996. Tese de Doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

NORBERG-SCHULZ, Christian. (1980) *Genius Loci: towards a phenomenology of architecture*. New York: Rizzoli, 1980.

RAPOPORT, Amos. (1978) *Aspectos humanos de la forma urbana: hacia una confrontación de las ciencias sociales con el diseño de la forma urbana*. Barcelona: Gustavo Gili, 1978.

RECIFE, 462 anos depois: engenhos originaram bairros recifenses. (1999) *Jornal do Commercio*, Recife, Caderno Cidades, p. 12, 7 mar. 1999.

RECIFE, Prefeitura da Cidade do. (1986) "Planta da divisão físico-territorial". *Projeto Regionalização da Cidade do Recife*. Recife: Secretaria de Planejamento e Urbanização do Recife, 1986.

_____. (1997) *Lei no. 16.293/97*, de Regionalização Político-Administrativa do Município do Recife. Recife: Secretaria de Planejamento e Urbanismo, 1997.

____. (1998) *O Recife em números*. Recife: Secretaria de Planejamento, Urbanismo e Meio Ambiente, 1998 (folheto).

ROSSI, Aldo. (1995) *A arquitetura da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SANTOS, Carlos Nelson dos. (1988) *A cidade como um jogo de cartas*. Niterói: Eduff; São Paulo: Projeto, 1988.

SENNETT, Richard. (1997) *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SETTE, Mario. (1948) *Arruar: história pitoresca do Recife antigo*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1948.

SOUSA, Antonio Candido Mello e. (1987) *Os parceiros do rio Bonito*. São Paulo: Duas Cidades, 1987.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. (1989) "O bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política". *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, n. 51, p. 139-172, 1989.

WILHEIM, Jorge. (1982) "O bairro, unidade urbana". *Projeto São Paulo: propostas para a melhoria da vida urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 63-65, 1982.